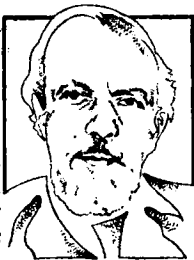


Nasce a verdadeira oposição

LUIZ CARLOS LISBOA

Será honra suficiente para o presidente José Sarney ter presidido formalmente uma eleição da qual sairá como grande derrotado, e na qual o vencedor terá sido um dos seus mais declarados adversários políticos no País. O fenómeno da explosão eleitoral da candidatura Fernando Collor de Mello nada tem de capricho ou de reacção emocional popular em face da juventude, da aparente coragem do ex-governador alagoano ou de seu ânimo contestador, mas decorre com certeza do que ele simboliza como negação e antítese. Há algum tempo, no País, as decisões populares que transparecem das urnas têm esse carácter de recusa, antes de significarem uma afirmação de qualquer ordem.



A transformação do PMDB no maior partido político de todos os tempos já foi, em passado recente, a expressão de um desejo popular ainda obscuro de mudar a História e seus personagens no Brasil, que temiam e ainda temem em repetir scripts e representar papéis que a platéia não suporta mais. A impopularidade do governo Sarney, produzida pela inação e por seu apego ao formalismo político brasileiro que hoje é alvo do desprezo geral, não somente liquefez o PMDB como criou nele uma oposição estratégica a si mesmo, agora representa

pelo ex-governador Waldir Pires, atual candidato a vice-presidente da República. Personagens e cenários que o homem comum deste País não aguenta mais acompanhar no noticiário da televisão e da imprensa, pela sua mesmice e inocuidade. O PMDB murchou suas velas, e hoje está à deriva com seus mortos-vivos, no mar poluído da política nacional.

A eleição de Jânio Quadros para a Prefeitura de São Paulo, há cinco anos, aconteceu quando o antigo pareceu a negação do falso-novo, e, se foi uma derrota apertada sua escolha, isso se deveu certamente ao comprometimento de todos os candidatos de então com a "velha guarda" que o eleitor brasileiro vem querendo, de forma cada vez mais evidente, banir para sempre das proximidades do poder. E vieram depois as eleições inesperadas da gente do PT, não pelo petismo-sindicalista-populista, mas pela contestação dos demais, excessivamente marcados aos olhos do povo como velhas raposas, malandros irrecuperáveis e céticos hábeis da politiquice local.

A televisão e as prévias eleitorais ajudaram muito a expressão dessa vontade popular, dando-lhe uma agilidade que ela antigamente não podia ter. Foi assim que o PT conquistou prefeituras que não esperava conquistar, bem como foi desse modo que se expôs ao julgamento público, uma antes das eleições presidenciais de 89, esvaziando a candidatura de seu Lula da Silva — fortíssima, hoje, se as novas prefeituras petistas não fossem tão decepcionantes quanto é barulhento e ineficaz o grevismo petista.

O País parece estar desco-

brindo devagar que tudo aquilo que se lhe atribuiu de imaturidade e inquietação fútil, no Exterior, deve ser imputado unicamente aos seus homens públicos. A partir daí nasce a verdadeira oposição, ficando claro que basta votar como quem recusa, arredando para longe o que já não merece confiança e experimentando alguma coisa ou alguém que signifique a negação do que está aí, do que já foi tentado e mostrou sua ineficiência e até malignidade.

Não é por outros motivos que o nome de Fernando Collor de Mello cresceu tão espontaneamente entre a população brasileira. Ainda uma vez com o auxílio dos meios eletrônicos de comunicação, que apresentaram o candidato a todos os cidadãos, nos mais distantes recantos do País, em sua luta na defesa dos direitos do pequenino Estado que governava, na batalha contra o Goliath do governo federal e na campanha contra os marajás que toda a Nação (exceto os próprios e seus familiares) abomina unanimemente.

Há muito tempo o voto, no Brasil, tem caráter de recusa

Os políticos que nos partidos cansados estão collorindo e abandonando seus líderes, podem levar ao candidato o espontâneo da maioria nacional muito da sua caducidade, dos antigos vícios partidários: se isso ocorrer em grande escala, a candidatura Collor poderá perder força até 15 de novembro. Esse é o único perigo que ela corre, pelo visto.

As pesquisas do IBOPE, e outras semelhantes, mostram com clareza não somente que o ex-governador alagoano disparou nas

preferências populares como uma aspiração reprimida, mas também que as demais candidaturas do pessoal da "velha guarda" política atingiram seus números máximos — exceto talvez Guilherme Afif Domingos, que, se dispuser de espaço e tempo nos meios de comunicação, pode surpreender pelo teor igualmente novo da sua pregação.

O resto é rotina na velha guerra da opinião política no Brasil, com os maniqueístas de sempre e os reducionistas de costume ditando regras e tendências, distribuindo rótulos e pespegando epítetos que em outro tempo funcionavam no ânimo dos votantes, e matavam um candidato perigosamente dedicado à renovação e à decência pública. O funcionamento de uma democracia pode ser assegurado por um governo ou imposto pela vontade geral de uma Nação: entre nós, parece que os dois fatores estão em movimento, o que pode produzir uma verdadeira revolução num país.

O que está em marcha entre nós, se não estamos enganados, é uma reparação do passado, é uma mudança de rumos que a funda crise que nos envolve mostra ser indispensável. Mais que as surpresas eleitorais dos últimos tempos, desta vez alguma coisa fundamental está acontecendo, na recusa expressa nas pesquisas de opinião e manifestada nas intenções de voto de quase cem milhões de pessoas, visíveis na amostragem das estatísticas, mas principalmente visíveis no rosto cansado e sofrido, embora ainda esperançoso, de um país que se desidliu mas não se deixou abater.

Luiz Carlos Lisboa é escritor e jornalista.